

O charmoso Gran Cine Bardot está de volta em Búzios

PÁGINA 4



Isabelle Huppert fala sobre seu papel em Veneza

PÁGINA 5



IGHB retoma visitas com exposição

PÁGINA 8



2º CADERNO

Deixa o defunto



Marcus Kury/Divulgação

FAALAR

A Armazém Companhia de Teatro reestrea nesta quinta-feira (29) em sua casa, o Espaço Armazém, na Fundação Progresso, o espetáculo “Brás Cubas”, versão cênica de Paulo de Moraes para a obra-prima de Machado de Assis, que traz o Bruxo do Cosme Velho para o centro da cena, como personagem.

Foi a partir da 1881, com “Memórias Póstumas de Brás Cubas”, seguido por “Quincas Borba”, “Dom Casmurro”, “Esau e Jacó” e “Memorial Aires” que Machado de Assis (1839-1908) começou a desenvolver seu extraordinário que viria a ser rotulado como realismo psicológico, permeando seus

Depois de passagem bem sucedida por festivais no Brasil e no exterior, ‘Brás Cubas’, dramaturgia baseada no romance machadiano volta a ser encenada em palcos cariocas

romances com impetuoso sarcasmo. “Memórias Póstumas de Brás Cubas” é considerado um romance original desde a sua dedicatória “ao verme que primeiro roeu as frias carnes do meu cadáver” e prossegue na ideia de um defunto autor que, para fugir ao tédio do túmulo, escreve suas memórias.

A dramaturgia de “Brás Cubas”, assinada por Maurício Arruda Mendonça, é uma

adaptação do romance de Machado, mas não em seu sentido clássico porque insere o próprio autor na peça, como personagem. “O espetáculo tem uma certa vinculação com o sonho. A gente constrói essa história como se estivéssemos dentro da casa do Machado, acompanhando a sua criação. E o ponto central da nossa adaptação é o delírio que o personagem do Brás tem momentos antes de sua

morte”, comenta o dramaturgo.

“Brás Cubas é um dos personagens mais icônicos da literatura brasileira. Tratar de um personagem pretensioso e prepotente, um recordista de fracassos, que têm uma aversão por si mesmo absolutamente merecida – e que nos fala tanto sobre a formação da elite brasileira –, era muito sedutor. Mas traduzir a experimentação formal de Machado para o palco – conversando com o público de hoje – me parecia desafiador. Porque Machado escreve com um nível de sutileza raro. Então, com certeza o nosso grande embate durante a descoberta da peça tem sido como fazer com que essa literatura sutil se transforme numa ação dramática contundente”, comenta o diretor Paulo de Moraes.

CONTINUA NA PÁGINA SEGUINTE

CAPITAL CULTURAL

Desiree do Valle/Divulgação



'Mussum, o Filmis' recebeu 12 indicações

Prêmio Grande Otelo, a festa do audiovisual brasileiro

A Academia Brasileira de Cinema promove nesta quarta-feira (28), na Cidade das Artes Bibi Ferreira, a cerimônia do Prêmio Grande Otelo (antigo Grande Prêmio do Cinema Brasileiro), a maior premiação do setor audiovisual brasileiro.

A cerimônia terá transmissão ao vivo pelo Canal Brasil. Os filmes com maior número

de indicações são "Mussum, O Filmis", de Silvio Guindane, e "O Sequestro do Voo 375", de Marcus Baldini, ambos finalistas em 12 categorias. No total, são 30 categorias, incluindo a de filmes ibero-americanos, com produções indicadas pelas academias de cinema dos 13 países associados à Federação Ibero-americana de Cinema.

Água nos shows

O governo federal publicou nesta terça-feira (27) portaria que obriga os grandes eventos a retomarem o fornecimento de água gratuita e a garantirem outras medidas de segurança pelo menos até o Natal, quando a decisão será reavaliada.

Água nos shows II

A portaria, assinada pelo secretário nacional do Consumidor Wadih Damous, menciona as temperaturas elevadas nos últimos anos em todo o país. As medidas valem para shows, festivais e outros eventos onde o público esteja exposto ao calor.

Lembrança difícil

Convidado do Mais Você (Globo) desta terça (27), Tony Ramos se emocionou e chorou ao lembrar dos momentos difíceis que passou no primeiro semestre quando precisou fazer cirurgias no cérebro. A alta de Tony foi no primeiro dia de julho.

A força de Preta

"Preta é forte e gosta de viver, isso impacta positivamente no tratamento contra o câncer", disse Roberto Kalil, médico de Preta Gil e diretor da Cardiologia do Hospital Sírio-Libanês. O câncer voltou em quatro regiões do corpo da cantora.

Uma dramaturgia com três planos narrativos

Mauro Kury/Divulgação

A montagem desmembra o personagem Brás Cubas em dois. Sérgio Machado interpreta Brás Cubas desde seu nascimento até sua morte (não necessariamente nessa ordem) e Jopa Moraes assume Brás Cubas já como o defunto que narra suas memórias póstumas.

"Esse defunto está pouco vinculado ao século 19, quer e precisa se comunicar com as pessoas de agora", avisa Paulo Moraes.

A dramaturgia tem uma estrutura em três planos: o plano da memória – que são as cenas vividas por Brás; o plano da narrativa – onde entram as divagações e reflexões do defunto; e um terceiro plano em que o próprio Machado de Assis (vivido por Bruno Lourenço) invade sua narrativa com comentários que visam conectar contemporaneamente suas críticas à sociedade brasileira.

"Nosso Machado não é um personagem biográfico. Embora todas as questões que o personagem coloque na peça tratem de assuntos sobre os quais Machado escreveu, estão colocadas em contextos diferentes. É uma brincadeira a partir de detalhes biográficos. Um personagem imaginário tentando se comunicar com o nosso tempo", garante Paulo.

A montagem tem elenco formado por Bruno Lourenço, Isabel Pacheco, Jopa Moraes, Felipe Bustamante, Lorena Lima e Sérgio Machado, iluminação de Maneco Quinderé, cenografia de Carla Berri e Paulo de Moraes, figurinos de Carol Lobato, direção musical de Ricco Vianna e direção de movimento de Patrícia Selonk e Paulo Mantuano.



Sérgio Machado (E) interpreta Brás Cubas desde seu nascimento até sua morte (não necessariamente nessa ordem) e Jopa Moraes assume Brás Cubas já como o defunto que narra suas memórias póstumas

A temporada do espetáculo no Espaço Armazém será de 29 de agosto a 21 de setembro.

Em outubro de 2023, "Brás Cubas" participou do Festival Internacional de Teatro de Wuzhen, na China, ao lado de importantes nomes do teatro mundial, como Robert Wilson e Joël Pommerat, sendo o espetáculo mais bem ava-

liado pelo público chinês. Nos dias 22 e 23 de julho foi apresentado durante o Festival Internacional de Teatro de Rio Preto. Em outubro, o espetáculo será apresentado na Rússia durante o Pacific International Theatre Festival, em Vladivostok, nos dias 4 e 5, e em turnê na China passando por Xangai (25 a 27/10), Pequim (1 a 3/11) e Foshan (8 e 9/11).

SERVIÇO

BRÁS CUBAS

Espaço Armazém - Fundação Progresso (Rua dos Arcos, 24 - Lapa) | De 29/8 a 21/9, às quintas (19h) e sextas e sábados (19h30) | Ingressos: R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

Dos palcos para as telas

Adaptando peça de Miguel Falabella, série 'O Som e a Sílabas' estreia hoje (28) no Disney+

Por Pedro Sobreiro

Sucesso nos palcos de todo o Brasil, 'O Som e a Sílabas' encantou o público com seu bom-humor e sensibilidade para contar a história de Sarah Leighton, uma jovem no espectro autista que tem um talento fenomenal para música. No entanto, a sociedade não aceita muito bem sua presença. Só que tudo muda quando seu irmão consegue inscrevê-la em aulas com a soprano Leonor Delise, que a grande inspiração da jovem. Então, elas tentam se entender, enquanto o extraordinário talento de Sarah vai aflorando e surpreendendo a todos.

Nesta quarta (28), chega ao streaming Disney+ uma produção original nacional, também escrita e dirigida por Miguel Falabella, que adapta a peça para o formato de série.

A convite da Disney, entrevistamos Miguel Falabella e as atrizes Alessandra Maestrini e Mirna Rubim, que interpretam Sarah e Leonor, respectivamente.

Em um dos pontos mais interessantes é que a alma da peça de 2017 foi mantida, já que esse trio repete suas funções do teatro nas telas. E não poderia ser diferente, já que toda a história foi inspirada em uma antiga relação desse trio.

"A história foi criada pelo Miguel [Falabella] especialmente para a gente, baseada em uma relação que nós tivemos de muitos anos. A Mirna [Rubim] foi minha professora de canto na vida real por muitos anos, e claro que a gente ficou amiga. Eu, Mirna e Miguel já nos amamos há muito tempo. Foi assistindo a uma aula minha, em que ele chegou um pouquinho mais cedo, que ele teve o insight para fazer a peça, inclusive", revelou Alessandra Maestrini.



Para Miguel Falabella, uma das maiores dificuldades para adaptar a série foi criar novos personagens

E um dos maiores destaques da série é o talento de Maestrini para trazer uma personagem tão complexa à vida. E o processo para compô-la veio de experiências próprias e muitas consultas a pessoas no espectro autista.

"Eu sou neurodivergente, tenho TDAH. É uma neurodivergência completamente diferente do autismo, mas que tem uma interseção de sintomas. Então, eu tenho hiperfoco. É uma coisa que eu conheço. Eu tenho hipersensibilidade sensorial, então também conheço. E são coisas que compõem a personagem. Não é à toa que o Miguel escreveu essa personagem para mim. Ele se inspirou em um tema que ele já estava ligado, ele se inspirou na habilidade específica musical que eu tenho para a ópera, e ele se inspirou também nessas idiosincrasias que são minhas e que têm interseções com o tema do autismo que ele queria

tratar. Além disso, eu pedi a uma fonoaudióloga, a Dra. Mara Behlau, para conhecer uma pessoa do espectro. E levei o texto para ela ler, perguntei se ela sentia falta ou se alguma coisa incomodava. E ela adorou tudo. Assim eu construí a Sarah do teatro. E quando a gente foi fazer a série, o Miguel conheceu mais a Julia Balducci, a trouxe para integrar a série. Ela faz a melhor amiga da Sarah", contou.

Mente inconfundível por trás de algumas das principais produções da arte brasileira, Miguel Falabella também falou sobre o processo de adaptação da peça para as telas.

"Como eu mesmo escrevi a peça e eu mesmo escrevi a série, o grande desafio foi criar personagens novos, que eram citados, que eram mencionados e alguns que sequer existiam, mas foram acrescentados ao formato da série. Por exemplo, a filha da Leonor era



Laura (Alessandra Maestrini) ganhou uma melhor amiga também no espectro autista (Julia Balducci) para a série

apenas citada na série e agora passa a existir. Eu criei uma governanta para ela, que é feita pela Maria Padilha, fiz uma jovem secretária... Criar esses personagens e trazê-los à vida foi esse grande desafio. Quanto a playlist, ela foi muito determinada pelo registro da Alessandra Maestrini, que é uma soprano muito aguda. O registro dela me guiou a escolher áreas que fossem mais populares, palatáveis para o grande público, obviamente. Não fui para áreas que só conhecedores de ópera apreciariam. Isso determinou um pouco a escolha. A própria Alessandra é um diferencial. Ter um elenco que canta, não dubla, é muito bacana. E acho lindo, nesse mundo de hoje, a gente trazer outra vez o belo canto. Trazer o canto lírico é bem interessante", afirmou Miguel Falabella.

Por fim, Mirna Rubim e Miguel falaram um pouco mais sobre o processo de construção da cantora lírica Leonor, que carrega um passado sombrio e acabou se fechando para o mundo.

"A Leonor, para mim, veio de uma imagem célebre da Maria Callas, já quase no final da vida, que é tirada do lado de fora de seu apartamento em Paris, em que ela está sentada e olhando pela janela em uma solidão absoluta, pouco antes de morrer. Essa foto me inspirou muito para escrever a solidão desta mulher, que passa a vida com o sentimento extremado, assim como na ópera", disse Miguel.

"No decorrer da série, ocorre uma transformação, assim como acontece na peça. Na peça, começamos extremamente tensas, agressivas, e eu angustiada. Existe uma escuridão no começo, mas vai 'ensolarando' conforme a gente vai criando intimidade. No início, existe a efervescência das personagens. Mais adiante, a música e o amor vão tomando conta", concluiu Mirna Rubim.

Gran Cine Bardot de volta e em grande estilo

O charmoso cinema de Búzios retoma sua programação como sala multiuso, abrigando diversas atividades culturais e centro de estudos

Jefferson Rodrigues/Divulgação



O Gran Cine Bardot retoma sua programação de filmes a partir desta sexta-feira

Após um ano de espera, o Gran Cine Bardot, um dos mais importantes espaços culturais da região dos Lagos e do Norte Fluminense, reabre suas portas nesta sexta-feira (30) completamente repaginado. Depois de uma grande reforma, o espaço passa a funcionar como uma sala multiuso, trazendo uma programação diversificada, que inclui exibição de filmes, apresentação de teatro, oficinas e workshops. O retorno marca o início de uma nova fase, que promete integrar ainda mais a comunidade local, os turistas e visitantes com a indústria do audiovisual e as artes em geral.

Com o projeto arquitetônico assinado por Pablo Benetti, o mesmo que o concebeu há 30 anos (responsável pela construção do Estação Botafogo e do Teatro Poeira, entre outros importantes espaços culturais cariocas), o Gran Cine Bardot deixa de ser apenas um cinema para se tornar um estúdio de formação cultural com apresentações teatrais de pequeno e médio porte (inicialmente voltadas para o público adulto) e uma programação abrangente e contínua.

“Sinto que agora o Cine Bardot passa a cumprir plenamente o seu papel, sendo ocupado diariamente com novas atividades para a população, reafirmando a nossa orientação que sempre foi de proporcionar e desenvolver cultura em Búzios”, diz Ana Paz, fundadora do cinema ao lado do marido Mario José Paz.

Com um acervo de mais de 6 mil títulos, o novo programa também vai contar com um Cineclube, que oferece sessões de cinema gratuitas regulares para a comunidade, em circuitos voltados tanto para o público infantil quanto para adultos, organizados em ciclos temáticos, como mostras de diretores fundamentais e temas específicos.

Outra novidade são as Oficinas de Audiovisual, Teatro, Corpo e Literatura, todas voltadas para iniciantes. Nas oficinas de audiovisual, os alunos aprendem

a filmar usando câmeras de celular, com foco em técnicas básicas como plano sequência, edição, montagem e sincronização de áudio. As oficinas de teatro se concentram em jogos de improvisação e construção de pequenas cenas, enquanto as de corpo abordam consciência corporal e presença cênica. A de literatura, por sua vez, tem enfoque em dramaturgia e roteiro. As vagas serão divididas igualmente entre estudantes da Rede Pública de Ensino (gratuitas) e o público geral (pagas), a partir de 17 anos.

A grade também inclui workshops variados, que pretendem se articular com as oficinas. “Se

um período da oficina de teatro estiver focado em técnicas de interpretação do teatro norte-americano, um workshop pode, por exemplo, trazer um especialista para ampliar esse conhecimento”, explica Francisco Paz, filho de Mario e Ana, que passa a assumir a coordenação do espaço.

Já na sexta, o cinema começa a exibir sua grade normal de filmes. “O Cine Bardot continua sendo um cinema de arte, priorizando a qualidade artística e cinematográfica, ao invés do retorno comercial da sala. Mas, ele também amplia a sua programação no sentido de trazer filmes blockbusters, por exemplo, além

de sessões dubladas para atender um público que não está acostumado a ver cinema com legendas”, explica Francisco.

Além das atividades já mencionadas, há planos de trazer música, stand-up comedy e outras artes performáticas, transformando o espaço em um catalisador de artistas, estudantes e amantes das artes. “Queremos trazer para Búzios uma programação de qualidade que estimule a interiorização da cultura. Devemos levar para o interior não só a possibilidade de formação como também de fruição das artes, para que todos tenham uma oferta similar a dos grandes

centros”, diz Francisco.

Juntamente com a reabertura do Gran Cine Bardot, a Prefeitura de Búzios vai anunciar a criação da Búzios Film Commission (Escritório Municipal de Apoio a Produção Audiovisual), vinculada à Secretaria Municipal de Cultura. O principal objetivo é atender todas as demandas de produções audiovisuais realizadas na cidade, promovendo o desenvolvimento do turismo regional, além de gerar emprego e renda para artistas, técnicos e prestadores de serviço na cidade, provocando um impacto positivo em outros setores, como o turismo e o comércio local.

Completando 30 anos, o Gran Cine Bardot foi concebido por Mário José Paz e Ana Paz, que sentiram a necessidade de ter um cinema na cidade onde moravam, já que não existia nenhum. Com investimento próprio, criaram o espaço, anexo à pousada da família Vila do Mar, construída em 1980.

A inauguração, em 1994, foi marcada junto com a realização do primeiro Búzios Cine Festival que, desde então, se tornou um evento emblemático na cidade. Ao longo de suas 27 edições, o Búzios Cine Festival exibiu aproximadamente 530 filmes inéditos, distribuídos entre a sala do Gran Cine Bardot (cerca de 325 filmes), a Praça Santos Dummont (aproximadamente 150 filmes) e o Cine Teatro da Rasa (cerca de 55 filmes). Esses filmes atraíram um público estimado em 200 mil pessoas, consolidando o festival como um dos eventos culturais mais importantes da região.

Isabelle presente... e presidente

Uma das mais prolíficas e aclamadas atrizes da Europa assume o comando do júri do Festival de Veneza, que começa nesta quarta com a volta de 'Beetlejuice'

Divulgação



Por **Rodrigo Fonseca**
Especial para o Correio da Manhã

Encarado como um cardápio (bem diversificado) de potenciais indicados ao Oscar, o Festival de Veneza inicia sua 81ª edição nesta quarta-feira (28), com a projeção do esperado “Os Fantasmas Ainda se Divertem - Beetlejuice Beetlejuice”, de Tim Burton, assumindo uma diva da Europa (e das telas de todo o mundo) como presidente de seu júri internacionalíssimo: Isabelle Huppert. Aos 71 anos, a atriz francesa – que volta às nossas telas no próximo dia 19, à frente de “Sidonie no Japão” – vai avaliar uma série de longas-metragens com fôlego para o sucesso. O brasileiro “Ainda Estou Aqui”, dirigido por Walter Salles e estrelado por Fernanda Torres, Fernanda Montenegro e Selton Mello, é um dos con-

correntes ao Leão de Ouro de 2024. Medalhões do quilate de Pedro Almodóvar (no páreo com “The Room Next Door”) e campeões de bilheteria como Todd Phillips (indicado por “Coringa – Delírio A Dois”) são adversários da nova produção do realizador de “Central do Brasil” (1998). Ela será avaliada por Madame Huppert (alunha pela qual é tratada na imprensa do Velho Mundo) ao lado de um time de juradas e jurados de prestígio, incluindo o diretor pernambucano Kleber Mendonça Filho (“O Som Ao Redor e “Bacurau”). Ao lado de Kleber, sob os auspícios de Isabelle estarão a atriz chinesa Zhang Ziyi e uma turma de cineastas, que inclui o americano James Gray, o britânico Andrew Haigh, a alemã Julia von Heinz, a polonesa Agnieszka Holland, o mauritano Abderrahmane Sissako e o italiano Giuseppe Tornatore.



Isabelle Huppert presidirá o júri do Festival de Veneza que terá 'Ainda Estou Aqui', de Walter Salles, como a aposta brasileira

“Há uma longa e bela história entre o Festival e eu. Tornar-se uma espectadora privilegiada é uma honra”, disse Huppert, no site oficial de Veneza. “Mais do que nunca, o cinema é uma promessa. A promessa de escapar, de perturbar, de surpreender, de olhar bem para o mundo, unidos nas diferenças dos nossos gostos e ideias.”

Em 2009, ela presidiu o júri do Festival de Cannes, concedendo a Palma de Ouro a seu habitual colega de trabalho Michael Haneke, por “A

Fita Branca”. Integrar competições é uma tarefa com a qual está habituada, em sua agenda movimentada, sempre cheia de projetos, como é o caso de “La Femme La Plus Riche Du Monde”, seu próximo filme a ser rodado.

“Sempre existem cineastas com uma perspectiva sobre o mundo que pode surpreender, o que me leva a estar sempre aberta a convites e a propostas de bons roteiros. É na leitura de um bom script que eu sou fisgada e tentada a dizer ‘sim’ a um convite”, disse Isabelle, ao Correio da Manhã, em entrevista no Festival de Berlim (a Berlinale), em fevereiro, quando concorreu com “A Traveler’s Needs”. “Não penso na qualidade de atriz

que sou, e, sim, na diferença que eu posso fazer no cinema como espectadora. Atuando, sou intuitiva. Mas eu sei ver filmes e sei observar boas ideias. O que me mantém no cinema é a troca com diretoras e diretores que me tirem do maniqueísmo. Simone de Beauvoir tem um texto que se chama ‘Por Uma Moral Da Ambiguidade’ no qual nos alerta para o limite entre hipóteses e verdades. É esse o tipo de revelação que a arte nos dá”.

Por ter positivado em um teste de covid-19 dias antes de embarcar para a Berlinale de 2022, Isabelle não pôde comparecer à cerimônia de entrega do Urso de Ouro Honorário daquele ano, que receberia pelo conjunto de sua carreira. Teve a chance de buscar seu troféu de honra na edição mais recente do evento, em evento, da qual participou tanto na competição (com o já citado “A Traveler’s Needs”, que ganhou o Grande Prêmio do Júri alemão) quanto na seção Panorama, com o delicioso policial “Le Gens d’à Côté”. No papo que teve com o Correio, ela falou com carinho da boa acolhida de seus longas no Brasil.

“Eu fiquei feliz ao saber que um dos meus mais recentes trabalhos, “A Dona do Barato”, que eu protagonizo, foi o filme francês de maior sucesso no Brasil durante a pandemia. Sei que tenho convites pendentes, mas ainda não tive chance de dar um pulo no país de vocês. O cinema tem muitas vozes novas ativas, criando mundos próprios. Eu vivo em busca dessas vozes”, disse Isabelle, que encantou a capital alemã sob a direção do realizador sul-coreano Hong Sangsoo.

Os dois fizeram juntos “A Visitante Francesa”, em 2012, e “A Câmera de Claire”, em 2017. A dupla retoma o convívio em “A Traveler’s Needs”, no qual Isabelle interpreta uma abilolada professora de Francês que engata em conversas e bebedeiras com artistas para quem leciona. Um jovem poeta e sua mãe bem intrujona integram a fauna de personagens de Sangsoo.

“Hong não trabalha com roteiro, nem com enredo definido. A gente vai criando no processo, em tramas bem-humoradas, mas carregadas de uma certa melancolia”, diz a estrela.

De volta ao Rio após 5 anos

Vivendo entre São Paulo e Los Angeles, Thalma de Freitas se apresenta no Teatro Rival Petrobras

Há cinco anos sem fazer show solo no Brasil e há 12 anos sem se apresentar no Rio, a cantora, compositora e atriz carioca Thalma de Freitas apresenta nesta quarta-feira (28), às 19h30, no Teatro Rival Petrobras, o show “Serendipidades” em que faz uma retrospectiva de sua carreira revisitada em novos arranjos.

Diz o dicionário que serendipidades é o “ato ou capacidade de descobrir coisas boas por mero acaso, sem previsão. Circunstância interessante ou agradável que ocorre sem aviso, inesperadamente; casualidade feliz”. Thalma tem essa palavra como um talismã e por isso usou-a para nomear seu novo show.

Ex-cantora da Orquestra Imperial, Thal-



José de Holanda/Divulgação

Thalma está empolgada com a nova turnê, que chega ao Rio

ma vive hoje entre São Paulo e Los Angeles (EUA), onde gravou com o pianista John Finbury o EP “Sorte” (2019), indicado ao Grammy americano na categoria Jazz Latino. Neste show ela vai interpretar músicas do EP

como “Oração”, “Sorte” e “Ondas” (parcerias dela com John Finbury) e outras de seu repertório como “Cordeiro de Nana” (Dadinho/Mateus Aleluia), “Tranquilo” (Kassin) e a autoral “Não Foi em Vão”, um dos sucessos da

Orquestra Imperial. Também estará no setlist “Iris e Arco”, parceria sua com Filipe Catto.

Thalma está entusiasmada a nova turnê, que iniciou em São Paulo. “Cantar ao vivo é a coisa que eu mais gosto de fazer, estou com muitas saudades do palco, muito animada em voltar a fazer shows”, comentou ela, que será acompanhada por uma banda formada por Fabio Leandro (piano), Guto Wirtti (baixo acústico) e Vitor Cabral (bateria).

Filha do pianista, arranjador, compositor e maestro Laércio de Freitas, Thalma iniciou a carreira musical fazendo musicais em São Paulo. Além do já citado “Sorte”, sua discografia inclui os álbuns “Thalma” (1996), “Thalma de Freitas (2004) e “Carnaval Só No Ano Que Vem (2007), quando integrava a Orquestra Imperial.

Como atriz, Thalma atuou em 18 novelas, entre elas “Laços de Família”, “O Clone”, “Kubanacan”, “Começar de Novo” e “Bang Bang”. No cinema foram dez filmes, com destaque para “O Xangô de Baker Street”, de Miguel Faria Jr, e “As Filhas do Vento, de Joel Zito Araújo”, pelo qual foi premiada como melhor atriz coadjuvante no Festival de Gramado.

SERVIÇO

SERENDIPIDADES - THALMA DE FREITAS

Teatro Rival Petrobras (Rua Álvaro Alvim, 33 - Cinelândia)

28/8, às 19h30

Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 120

Morre o guitarrista Russell Malone

Músico de 60 anos foi um vítima de ataque cardíaco durante turnê

Reconhecido por seu vasto conhecimento sobre música, o guitarrista Russell Malone morreu no último fim de semana, vítima de um ataque cardíaco. Muito prestigiado dentro da cena musical do jazz, ele tocou com diversos artistas, e sempre foi respeitado pela versatilidade em se adaptar ao estilo de cada um deles.

Seu estilo seguro e preciso, mas ainda relaxado, lhe garantiu trabalhos ao lado de Harry Connick Jr., Diana Krall e muitos outros, além de um público dedicado em sua carreira solo. Ele morreu em Tóquio, aos 60 anos de idade, conforme a notícia dada pelo contrabaixista Ron Carter, em cujo trio Malone tocou durante anos.



Divulgação

Russel Malone era reconhecido por sua versatilidade

Ao lado de Carter e do pianista Donald Vega, Malone estava em uma turnê pelo Japão, e tinha acabado de se apresentar no Blue Note

local quando o músico passou mal. Carter afirmou que a turnê continuará com ele e Vega tocando em duo, mantendo a cadeira de Malone vazia no palco em respeito ao músico.

Era muito elogiado pela ampla capacidade em acompanhar uma variedade de cantores e instrumentistas em diversos estilos, mas sem abrir mão de seu próprio som, bem definido enquanto líder de banda e solista. Ele sempre foi muito aberto sobre aqueles que o influenciaram, e nunca teve vergonha de compartilhar o quanto aprendeu com astros como B.B. King, Wes Montgomery e Pat Martino. “Quando ouço um músico tocar, se não ouço uma pitada de influências, fico desconfiado”, disse ele em uma entrevista de 2023 para a revista online Jazz Guitar Today.

Malone surgiu na cena do jazz no final dos anos 1980, ao lado do organista Jimmy Smith. Ele se uniu a Connick em 1990 e tocou com ele em turnês e em álbuns importantes como

“We Are in Love” (1990) e “Blue Light Red Light” (1991). Tocou ainda com a cantora e pianista Diana Krall de 1995 a 1999.

O músico gravou dez álbuns como líder, começando com “Russell Malone” em 1992, enquanto continuava a trabalhar com uma longa lista de artistas notáveis, incluindo B.B. King, Branford Marsalis, Christian McBride, David Sanborn e Sonny Rollins. Todos eles disseram valorizar sua capacidade de se encaixar e elevar o som deles.

Nascido em 8 de outubro, em Albany, na Georgia, Malone começou a tocar aos quatro anos de idade, após ganhar uma guitarra verde, feita de plástico, como um presente de sua mãe. Malone se inclinou para o blues e o gospel, chegando a tocar na banda da igreja batista.

Ele contava que se apaixonou pelo jazz aos 12 anos de idade, depois de assistir o guitarrista George Benson tocar com o então veterano Benny Goodman na televisão. A partir daí, aprendeu a tocar cada vez mais ouvindo os discos de seus artistas favoritos.

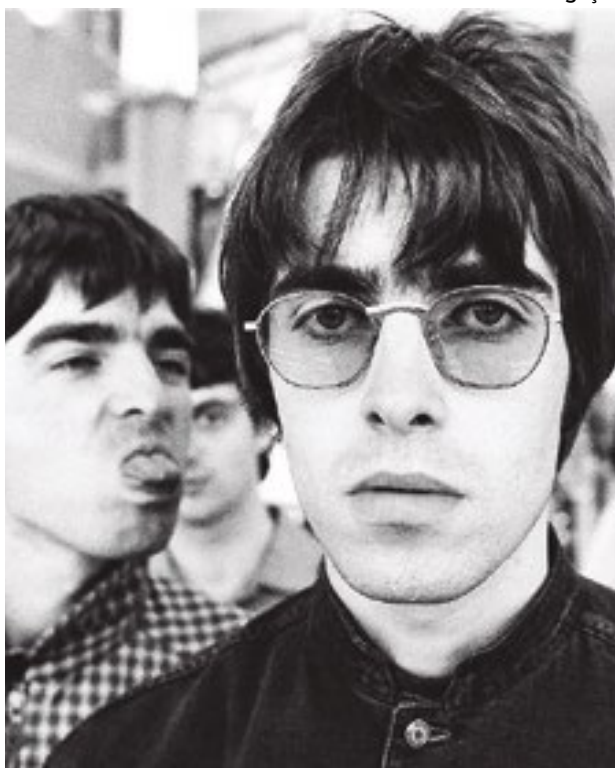
Os irmãos brigões estão de volta

Fenômeno do rock britânico nos anos 1990, Oasis confirma volta com série de shows em 2025

Por Affonso Nunes

Famosa pelo talento e por brigas homéricas, a banda britânica Oasis, dos irmãos Liam Gallagher e Noel Gallagher, anunciou oficialmente na madrugada desta terça-feira (27) a volta aos palcos, com uma série de shows durante o próximo verão no hemisfério norte, em 2025. “É isso, está acontecendo!”, confirmou o perfil do grupo em postagem nas redes sociais.

A turnê começará em 4 de julho em Cardiff, no País de Gales, e depois se deslocará para a cidade natal dos Gallagher, Manchester, onde estão previstos quatro shows. Depois, haverá outras quatro noites no icônico Estádio de Wembley, em Londres, seguidas por shows em Edimburgo



Divulgação

Brigados desde 2009, Liam (de óculos) e Noel têm longo histórico de provocações mútuas desde a época que formavam o Oasis

(Escócia) e na capital irlandesa, Dublin. Os ingressos começam a ser vendidos no neste sábado. “Há planos em andamento para que Oasis Live ‘25 vá a outros continentes

fora da Europa mais tarde no próximo ano”, acrescentaram os irmãos no anúncio oficial.

O retorno ocorre 30 anos após o primeiro álbum, o aclamado “Definitely Maybe”, lançado em agosto de 1994, com o qual a banda se tornou conhecida. Rumores sobre o retorno da banda circularam nas redes sociais nos últimos dias. A expectativa aumentou quando Liam postou no X, no domingo, a frase “eu nunca gostei da palavra ‘antigo’ [ou ‘ex’]”, o que foi entendido como uma referência à forma como a mídia o costuma caracterizar - “ex-Oasis”, ou “antigo vocalista do Oasis”.

A euforia dos fãs começou há alguns meses após a publicação de um vídeo nas redes sociais. Na gravação, de 14 segundos, é possível ver uma casa em meio a uma grande área verde. Alguns seguidores especularam que as imagens aéreas mostram Sawmills Studio, na Cornualha, onde o Oasis gravou “Definitely Maybe”. Depois deste, a banda ainda gravaria outros seis álbuns de estúdio: “What’s the Story Morning Glory” (1995), “Be Here Now” (1997), “Standing on the Shoulder of Giants” (2000), “Heathen Chemistry” (2002), “Don’t Believe the Truth” (2005) e “Dig Out Your Soul” (2008).

A banda acabou em 2009, com o anúncio da saída de Noel Gallagher. Na época, ele disse que “simplesmente não poderia continuar trabalhando com Liam nem mais um dia”. As desavenças entre os dois irmãos eram frequentes e não era raro a troca de farpas em entrevistas concedidas por ambos. Ao longo dos anos, os dois recusaram a reconciliação de forma veemente.

UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

Gosto de liberdade

O ator Bruno Gadiol (o Anderson da série “De Volta Aos 15”, da Netflix) anuncia o single “Livramento”, inspirado após em sua vida pessoal e no término de um relacionamento. A faixa chega aos aplicativos de música nesta quinta (29). A composição é assinada por Bruno em parceria com Clau, Fraga e produção dos Los Brasileiros, Dmax, Clau, Vitão e Day Limns. “Usei essa canção para expressar um momento de libertação pessoal que, ao invés de tristeza, me trouxe uma nova percepção de liberdade”, conta ele.

Divulgação



Leandro Godoi/Divulgação



Cantar a leveza

O Cidade Verde Sounds, banda liderada pelo vocalista Adonai e pelo DJ Dub Mastor, lança nesta sexta (30) a inédita “Coração Novin”, com participação da cantora sul-mato-grossense Marina Peralta. Este reggae fala sobre leveza de espírito, renovação e como levar a vida com mais alegria diante às dificuldades é a primeira amostra do DVD ao vivo “10 Anos de Missão de Paz”. “Essa música remete aos antigos instrumentais de soul reggae dos anos 1970, com uma linha de rimas modernas. E a jogada de vozes entre a Marina e eu ficou muito legal”, avalia Adonai.

Divulgação



Dueto póstumo

Dono de hits do funk carioca como “Vou Desafiar Você”, “Deixa Eu Dançar” e “Tipo Barbezinha”, DJ De-tonna retorna à cena com o single “Inexplicavelmente”, lançado nesta terça-feira (27) nas principais plataformas digitais. A canção traz uma mistura entre elementos como guitarra e sax, acrescentando um tempero romântico numa sonoridade que passeia pelo funk melódico e pelo reggae. “É uma música que escrevi em 2018. O MC Marcinho gravou, mas nunca lançamos. Então tive a ideia de convidar o filho dele pra fazer uma dupla com o pai, que é algo que me emocionou muito”.

Coleção IHGB



LÜTZEN, Niels A., 1826-1890:
Homem tapuia (cópia de Albert
Eckhout). Óleo sobre tela, 1877.



Maré Baixa: Josy e
Barnei na feira do açaí, 2024.

Coleção IHGB



LÜTZEN, Niels A., 1826-1890: Mulher
tapuia (cópia de Albert Eckhout).
Óleo sobre tela, 1877.

Nay Jinknss



Maré Baixa: Edson e
o açaí do grosso, 2024.

O olhar do colonizador ressignificado

Exposição temporária no Instituto Histórico e Geográfico
marca a reabertura do circuito de visitação na instituição

Coleção IHGB



LÜTZEN, Niels A., 1826-1890: Dança tapuia (cópia de
Albert Eckhout). Óleo sobre tela, 1877.

Nay Jinknss



Maré Alta: Belém adormecendo
nas margens do Guajará, 2023.

princípio da constru o do olhar de europeus diante do mundo colonial. Paradoxalmente, o exotismo foi internalizado pela cultura nacional para demarcar visões da singularidade brasileira. Por meio da cria o contemporânea de Nay Jinknss, os retratados de Eckhout ressurtem no mercado do Ver-o-Peso da cidade de Belém. Suas fotografias e vídeo rejeitam a representa o do tipo social genérico sem subjetividade característica do olhar do colonialismo. Ao contextualizar a experiência social e expor o que faz cada indivíduo singular, a artista paraense multiplica os modos de ver e representar a diversidade cultural do Brasil.

“Os retratos de Eckhout transitam entre épocas e revivem na arte contemporânea brasileira. Suas apropria es servem   crítica dos modos de ver as diferenças culturais baseada na dicotomia entre selvagens e civilizados. Nos tr nsitos do olhar, a arte contemporânea subverte os sentidos de imagens consagradas e busca romper com a colonialidade”, comenta o curador Paulo Knauss, diretor do Museu do IHGB.

A realiza o da exposi o marca também a reabertura do circuito de visita o do IHGB. A visita o   aberta a todos os interessados e há um programa especial para receber escolas e grupos.

SERVIÇO

ECKHOUT: TR NSITOS DO OLHAR
IHGB - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (Av. Augusto Severo, 8/11  andar - Glória)
De 30/8 a 12/12
Informa es e agendamento de visitas pelo e-mail: agendamento@ihgb.org.br
Entrada franca

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) abre para visita o nesta sexta-feira (30) a exposi o temporária “Eckhout: Trânsitos do Olhar”, quando começa o agendamento ao público, que terá a oportunidade de conhecer as cópias de quadros encomendadas pelo imperador Dom Pedro II ao

pintor dinamarquês Niels A. L tzen. Trata-se dos famosos retratos indígenas pintados por Albert Eckhout, no tempo da ocupa o holandesa no Nordeste brasileiro, no século XVII.

A mostra coloca em discussão o olhar do colonialismo ao colocar os quadros históricos em diálogo com a cria o contemporânea da artista paraense Nay Jinknss. Dom Pedro II fez

uma viagem   Dinamarca para conhecer os famosos retratos de indígenas do Brasil comentados pelo famoso naturalista alemão Alexander von Humboldt em seu livro “Cosmos”. E encomendou versões dos retratos.

Estes retratos de indígenas de Pernambuco do século XVII traduzem o encanto pelo desconhecido que definiu o exotismo como